



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**WALTER FREDERICO DE SOUZA I**

**(depoimento)**

**2004**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-84

**Entrevistado:** Walter Frederico de Souza

**Nascimento:** 25/09/1936

**Local da entrevista:** Residência do entrevistado – Porto Alegre/RS

**Entrevistadores:** Leon Kaminski

**Data da entrevista:** 06/04/2004

**Transcrição:** Camille Romero

**Conferência Fidelidade:** Leila Mattos

**Copidesque:** Johanna Coelho von Mühlen/Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Giovani Frizzo/Johanna Coelho von Mühlen

**Fitas:** (01 fita) 84/01-A e 84/01-B

**Total de gravação:** 45 minutos

**Páginas Digitadas:** 15

**Catálogo:** Vera Maria Sperangio Rangel

**Número de registro:** 01126/2005/01

**Nº da fita:** 01126/2005/01

**Observações:**

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo.

SOUZA, Walter Frederico de. *Walter de Souza I (depoimento, 2004)*. Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE – ESEF/UFRGS, 2005.

## **Sumário**

Início do envolvimento com o esporte e a Escola de Educação Física; engajamento do Movimento Estudantil, Centro Acadêmico; federalização da Escola de Educação Física; rotina na Escola de Educação Física na época em que era aluno: aulas práticas e teóricas, relação professor-aluno, etc; representatividade Discente; valorização do Professor de Educação Física.

Porto Alegre, 6 de outubro de 2004. Entrevista com Walter Frederico de Souza, a cargo do pesquisador Leon Kaminski, para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.K. - Walter, como iniciou o teu envolvimento com a ESEF<sup>1</sup>? Com a Educação Física?

W.S. - Meu envolvimento começou com onze anos de idade, na época em que estudava no Colégio Rosário<sup>2</sup>, com o professor de Educação Física Derick Oscar Ely<sup>3</sup>, e, mais tarde, vim conhecê-lo como professor de natação, na Escola Superior de Educação Física, e me levou para a SOGIPA<sup>4</sup>, e eu fui atleta de atletismo da SOGIPA por alguns anos. Corria 80 metros no início, depois passamos para 100 e 200 metros, e competíamos nos campeonatos organizados de atletismo, na cidade e no Estado. E, desde essa idade, freqüentava também a Associação Cristã de Moços<sup>5</sup>, onde fazíamos calistenia<sup>6</sup>, basquete, e já integrava também os quadros de base da SOGIPA de basquete. Depois, por causa desse início, tivemos necessidade, uma espécie de necessidade, quase que obrigatória, de continuar envolvido com a Educação Física e recebemos uma bolsa de estudos através da Associação Cristã de Moços. Fizemos Educação Física, estudamos Educação Física em Montevideu. No retorno, havíamos sido autorizados pelo MEC<sup>7</sup> apenas para lecionar vôlei, basquete e natação, então, me senti na obrigação de não aceitar e, por essa razão, fiz vestibular e ingressei na Escola Superior de Educação Física. Na oportunidade, ela tinha sua sede nas dependências da Associação Cristã de Moços, ACM. E ali fizemos nossos estudos, desenvolvidos por dois anos, porque antes de concluir, por razões políticas tive que me retirar.

L.K. - A situação familiar... A família da ESEF, para ti...

W.S. - Foi secretária geral da Escola Superior de Educação Física, por muitos anos, a minha tia, irmã de meu pai, professora Marina Martins de Souza.<sup>8</sup> A minha mãe era

---

<sup>1</sup> Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>2</sup> Colégio Nossa Senhora do Rosário, em Porto Alegre

<sup>3</sup> Ex-professor de natação da ESEF-UFRGS

<sup>4</sup> Sociedade de Ginástica Porto Alegre - Fundada como Deutscher Turnverein (Sociedade Alemã de Ginástica) em 1867. Passa a se chamar Sociedade de Ginástica Porto Alegre em 1942.

<sup>5</sup> Associação Cristã de Moços (ACM), fundada em Porto Alegre, no dia 26 de novembro de 1901.

<sup>6</sup> Exercícios de aquecimento repetitivos.

<sup>7</sup> Ministério da Educação e Cultura.

<sup>8</sup> Ex-professora da ESEF-UFRGS

funcionária da secretaria da ESEF por muitos anos também, Mary Higia Traub de Souza<sup>9</sup>. E, por essa razão, desde os meus seis, sete, oito anos de idade eu já frequentava a ESEF como visitante. Naquela oportunidade, a ESEF funcionava nas dependências do Esporte Clube Cruzeiro<sup>10</sup>, onde, atualmente, está o Cemitério João XXIII.

L.K. - Participaste somente como aluno da ESEF? Ou tu chegaste a exercer algum cargo lá dentro?

W.S. - Desde o início, desde o meu ingresso na ESEF, já como calouro, fui convidado a participar de uma chapa do Centro Acadêmico - que hoje é chamado de Diretório Acadêmico, mas na época, chamava-se Centro Acadêmico - como vice-presidente. Dois ou três meses do início da gestão, fui convidado a assumir a presidência por problemas com o atual presidente. E, desde então, eu fui presidente do Centro Acadêmico por todo aquele período, e fui reeleito no ano seguinte. Estou falando de 1959-1960. Fui presidente reeleito, e, no segundo ano, também participei... Como presidente do Centro Acadêmico, também presidente ocupava a quarta vice-presidência da União Estadual de Estudantes.

L.K. - Naquele período, naquela época, como é que era a atuação do D.A.<sup>11</sup>? Quais eram as reivindicações, as lutas dos estudantes?

W.S. - As reivindicações, as lutas dos estudantes eram quase o de sempre: procurar uma melhor evolução técnica dos estudos... Porque todas as matérias, eram de uma qualificação um pouco antiga. Não havia uma evolução. Foi quando os estudantes começaram a sentir que a trava dessa não evolução tinha um nome: era o diretor, na época chamava-se Frederico, professor Frederico Guilherme Gaelzer<sup>12</sup>. E, como havia, também muita contrariedade do próprio corpo de professores, com relação a essa pessoa, foi feita uma campanha muito forte, em que até a União Nacional dos Estudantes esteve envolvida. Foram enviados até advogados para me assessorar, por causa das perseguições normais que isso acontece quando estudantes se viram contra diretor, não é? E, no caso, foram os estudantes “in totum”, não foi só o presidente do Centro Acadêmico, mas todo o Centro

---

<sup>9</sup> Ex-funcionária da ESEF- UFRGS

<sup>10</sup> Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

<sup>11</sup> Diretório Acadêmico.

<sup>12</sup> Diretor da ESEF de 1955 a 1959

Acadêmico e todos os estudantes. Cerca de, sem exagero, noventa por cento dos professores eram contrários à administração de Frederico Guilherme Gaelzer. Após uma campanha árdua... De âmbito estadual, a ESEF pertencia ao Estado, ao Governo do Estado, depois que passou para o governo federal. Na oportunidade era Governador do Estado Ildo Meneghetti. O governador Ildo Meneghetti terminou me convocando para o Palácio de madrugada, depois dos estudantes terem dado 24 horas para o governo demitir o diretor, senão teriam sido tomadas outras atitudes, até inclusive de nível nacional. O governador acatou, aceitou, e, nessa madrugada, fomos solicitados a apresentar uma lista tríplice para escolha do Governo do Estado. Foi escolhido e imediatamente empossado o professor de cinesiologia, Doutor Ruy Gaspar Martins.

L.K. - Como se dava a articulação, os contatos do movimento estudantil de Educação Física a nível nacional?

W.S. - *Praticamente* não existia. Tanto é verdade que nós, depois, por sermos presidente do Centro Acadêmico e depois como membro de diretoria da União Estadual de Estudantes... Nós participamos de dois congressos nacionais e, através desses congressos, a gente notava a falta de uma maior unidade, uma falta de maior expressão do estudantado do setor de Educação Física. E, em 1960 - nós fizemos várias amizades num congresso da UNE<sup>13</sup>, Congresso Nacional de Estudantes - resolvemos fazer o primeiro congresso de estudantes de Educação Física *do Brasil*, aqui em Porto Alegre. Tivemos muitas dificuldades, inclusive por ainda ser diretor Frederico Guilherme Gaelzer. Ele não permitiu que as reuniões fossem realizadas nas dependências da Escola Superior de Educação Física, tivemos que fazer várias solicitações, em outros locais, e conseguíamos fazer nossas reuniões normalmente nas dependências do Instituto de Educação<sup>14</sup>. Para a abertura do Congresso, em que várias autoridades do Estado estavam presentes... Foi realizada num salão especial, em cima da Confeitaria Rocco<sup>15</sup>. E, não temos conhecimento depois, de outro congresso que tenha sido realizado nesse sentido, mas foi uma tentativa em que compareceram, mais ou menos, se não me falha a memória, uns dezesseis presidentes de centro acadêmicos. Inclusive o presidente da Confederação Brasileira de Estudantes, Confederação Brasileira de Esportes Universitários.

---

<sup>13</sup> União Nacional de Estudantes.

<sup>14</sup> Instituto de Educação General Flores da Cunha, fundado em 1869.

L.K. - Chegou a ter conhecimento de uma entidade, a União Nacional de Estudantes de Educação Física, que foi fundada em 56, 57? E do congresso que eles também organizaram nesse mesmo período?

W.S. - Não, *nunca* tivemos conhecimento dessa entidade. E, aliás, não somente eu, nunca havia ocorrido pronunciamentos nesse sentido de outros presidentes de centros acadêmicos de Escolas de Educação Física no Brasil naquela época. Apesar que havia poucas faculdades, poucas Escolas de Educação Física no Brasil.

L.K. - Na época, como tu vias as relações do movimento estudantil com os partidos políticos, com a política partidária?

W.S. - A política universitária sempre foi... Normalmente ela procurava se afastar das ligações políticas do país. A política universitária era quase que um corpo só, e, normalmente, havia mais *purismo* nas ligações política universitária, porque tratavam mais em função das necessidades das faculdades, na melhora do corpo de professores, na melhora *técnica* das suas faculdades, num melhor desenvolvimento... Pelo menos, estávamos mais perto dos grandes centros de Educação Física, como era na época, chamavam-se Alemanha, Suécia e Estados Unidos.

L.K. - Como era feito o debate sobre questão da federalização?

W.S. - Antes, me permita, só para complementar que me recordei agora: *apesar* de que muitos presidentes, principalmente da União Estadual de Estudantes e alguns presidentes de Centros Acadêmicos que se destacavam, foram convidados a participar, depois da formatura, de *partidos*. Que me recordo, um dos mais importantes na época, que foi presidente da União Estadual de Estudantes, o Pedro Simon<sup>16</sup>. Eu, também cheguei a ser convidado uma vez para participar de uma eleição para vereador, que nunca aceitei, nunca participei de partido político algum. Mas, alguns que se destacavam, seguiram carreira política após as suas formaturas. Era só isso que eu queria complementar.

---

<sup>15</sup> Prédio Histórico de Porto Alegre

<sup>16</sup> Eleito em outubro de 1956, presidente da Junta Governativa da UNE.

L.K. - Como é que se fazia uma vinculação, articulação, da questão da ESEF com a outra universidade pública, na época, a UFRGS? Com os estudantes da UFRGS, com o antigo DCE<sup>17</sup> e a FEURGS<sup>18</sup>?

W.S. - A Escola Superior de Educação Física, na oportunidade, pertencia ao Estado, à Secretaria de Educação. Não tínhamos... Os nossos vínculos eram somente por ocasião de competições esportivas e congressos estudantis. Fora disso, não havia maiores vinculações. Era quase que nenhuma, na base do cada um cuida de si. Principalmente, porque quase todas as faculdades que não era particular era da UFRGS. Só a ESEF que pertencia à Secretaria de Educação. Não me recordo, talvez tenha outra faculdade, mas não me recordo.

L.K. - Como é que vocês viam na ESEF a questão da federalização e sede própria?

W.S. - Isso era uma idéia que considerávamos *prioritária*, absolutamente prioritária, porém, de dependência *pura* e exclusiva da direção. E, a direção da ESEF, nesse sentido, não fazia nada, ou quase *nada*. Essa foi a revolta, foi uma das revoltas, um dos motivos que nos levou a nos revoltarmos com o diretor da época, que não movia uma palha nesse sentido. Ele poderia fazer algum esforço nesse sentido, porém... Nós julgávamos que não era suficiente para se chegar a algum resultado. Mas era *prioridade*, sempre achamos que era *prioridade* essa sede própria, principalmente também, poder nos vincular à União, porque achávamos que enquanto estivéssemos sob a égide da Secretaria de Educação, o nosso crescimento técnico seria sempre muito limitado.

L.K. - Qual era o perfil sócio-econômico dos estudantes, dos professores e funcionários lá da ESEF, na época?

W.S. - Bom, com relação aos estudantes... Já era uma época diferente da atual, naquela época ainda poderia talvez pudesse se chamar que *havia* uma classe média, e hoje não se pode dizer que exista uma classe média no Brasil. Mas, a maior parte dos estudantes era de

---

<sup>17</sup> Diretório Central de Estudantes

<sup>18</sup> Federação dos Estudantes da Universidade do Rio Grande do Sul, posterior DCE.



classe média e, muitos estudantes vinham do interior: de Pelotas, Bagé, Rio Grande<sup>19</sup>, enfim, vinham estudantes de vários lugares, cidades do interior do Rio Grande do Sul. A maioria, evidentemente, era de Porto Alegre<sup>20</sup>, mas tinha muitos estudantes que vinham do interior do Rio Grande do Sul. Muitos deles até viviam em pensionato ou na casa de outros familiares. Mas, predominava a classe média da época. Uma classe social assim, muito baixa, era meio difícil. Meio difícil de se detectar, pelo menos.

L.K. - Como era o cotidiano na Escola?

W.S. - Normalmente, as aulas teóricas começavam às oito horas da manhã e iam até as dez, por aí, mais ou menos, e depois desse período que vinham as aulas práticas, que iam até meio dia, meio-dia e trinta, era o normal. Isso quando as aulas práticas fossem comportadas dentro das dependências da ACM – Associação Cristã de Moços. Agora, atletismo, natação por exemplo, fazíamos nas dependências do estádio Daudt, da SOGIPA. Na piscina e na pista de atletismo. Fazíamos lá. E, utilizávamos também, em algumas oportunidades, as canchas da Brigada Militar<sup>21</sup>, na Praia de Belas, onde hoje está o 9º Batalhão, se não me engano. Parece que tinha um ginásio ali. E, ali dentro do 9º, na Praia de Belas, muitas vezes fomos ter aulas, por falta de maior espaço dentro da Associação Cristã de Moços.

L.K. - Como é que se davam as relações professor-aluno?

W.S. - De uma forma geral, as relações eram normais. Como já faz parte do ser humano: a gente gostar mais de uma pessoa do que outra, e aquele que a gente mais gosta, tem outros que não gostam. Mas, de qualquer forma, havia alguns professores que eram mais *chegados* ao aluno. Então, eram pessoas mais queridas. Outros continuavam sendo queridos, pela sua capacidade, que tinham bastante capacidade, apesar de serem um pouco mais secos no tratamento, no relacionamento professor-aluno. Mas a maioria dos professores eram muito bem quisto pelos alunos. Há algumas exceções, mas as exceções sempre acontecem, faz parte da convivência.

---

<sup>19</sup> Cidades do Estado do Rio Grande do Sul

<sup>20</sup> Capital do Estado do Rio Grande do Sul

L.K. - No período em que estavas no movimento estudantil, devido a todas essas reivindicações dos estudantes acerca das questões técnicas do ensino, chegou a ter alguma modificação curricular importante?

W.S. - Não! Tive conhecimento que, após alguns anos que eu me ausentei da ESEF, começou a haver algumas *modificações* no sentido de melhora técnica. Mas, no período em que lá estive não, não deu para notar nada assim de importante, pelo menos. Apesar, que muitos professores, por uma questão de criatividade do próprio professor, de vez em quando, aproveitando a presença de pessoas de nome, de relevância técnica em determinados esportes, ou convocava essas pessoas para fazer conferência ou nós levávamos os alunos ao encontro dessa pessoa. Por exemplo, na época tinha um técnico famoso de futebol no Brasil que veio a ser técnico do Internacional<sup>22</sup>, quando estava ainda lá nos Eucaliptos<sup>23</sup>, Martim Francisco<sup>24</sup>, era uma pessoa talvez com um cartaz que tem um Parreira<sup>25</sup> hoje mais ou menos, na oportunidade. E, fez uma conferência de... Muito proveito, assim como o Coronel Pandolfo<sup>26</sup>, que era da esgrima, de vez em quando nos levava lá para o Grêmio Náutico União<sup>27</sup>, para termos um conhecimento mais elevado do que o normal que estávamos. Quer dizer, se não fosse essa criatividade de alguns professores... Não dá para citar.

L.K. - Na época, como era a pesquisa e a extensão dentro da ESEF? Existia?

W.S. - Era normal. Pelo conhecimento agora que eu tenho, que já tenho uma filha que é professora de Educação Física, tenho uma neta que estuda na ESEF, eu fiquei sabendo de uma série de formas completamente diferentes, não digo completamente diferentes, mas bastante diferença, da forma como nós recebíamos os ensinamentos e muita pesquisa que é feita através dos próprios alunos, que, na oportunidade, poucas vezes eram solicitados a fazer pesquisas. Quer dizer, isso já é uma evolução bastante interessante. E que vem acontecendo atualmente.

---

<sup>21</sup> Quadras poli-esportivas localizadas no 9º batalhão da Brigada Militar.

<sup>22</sup> Sport Club Internacional, fundado em 4 de abril de 1909.

<sup>23</sup> Antigo estádio do Sport Club Internacional

<sup>24</sup> Provavelmente, referindo-se ao Marechal Francisco Duarte Júnior, o Teté.

<sup>25</sup> Carlos Alberto Parreira, técnico da Seleção Brasileira de Futebol na Copa do Mundo de 1994.

<sup>26</sup> Carlos Pandolfo.

L.K. - E sobre as questões organizacionais da Escola, a estrutura organizacional burocrática da Escola, tem alguma coisa para falar sobre isso?

W.S. - Não, era uma administração normal da Secretaria de Educação, que era norma em tudo que era colégio, na faculdade, na Escola Superior de Educação Física e na... De uma forma geral, era uma sistemática, acho que era a mesma, pelo menos, nunca tivemos notícia de alguma coisa, a não ser uma reclamação de espaço, uma que outra, isso é normal, mas de uma forma geral, nós não sentimos alguma diferença, alguma coisa que não fosse interessante, que prejudicial, por exemplo. Não víamos nada de anormal. As coisas sempre eram... As questões teóricas e práticas com relação à técnica, com relação à parte teórica do estudo em si. Essa questão de burocracia não, o nosso envolvimento era só o obrigatório, mais nada, não dava para ver se tinha alguma coisa certa ou errada, porque não tínhamos envolvimento com isso, nem tínhamos liberdade para nos intrometer nessa área.

L.K. - A questão, voltando agora um pouco... Como era feita a representação discente dos estudantes nos conselhos, nos colegiados da Escola?

W.S. - Houve várias tentativas de solapar esse direito, que estávamos reivindicando e uma das exigências que fazíamos na época, era a presença - que o diretor da Escola não obedecia, depois de muita campanha, de muita luta, na marra foi aceito esse direito - de um representante dos alunos nas reuniões de Conselho Fiscal, que eram feitas uma vez por mês. Aquele Conselho Fiscal que eu me refiro é o conselho, não sei se tem um nome, técnico administrativo, Conselho *Técnico*, eu me equivoquei, a palavra é Conselho Técnico, não é Conselho Fiscal. Conselho Fiscal quem tinha era o Centro Acadêmico, que na época por sinal, o presidente do Centro Acadêmico e o presidente do Conselho Fiscal era o Washington Gutierrez<sup>28</sup>, que foi o fundador da Escola de Educação Física do IPA<sup>29</sup>.

L.K. - Tem algum fato pitoresco, alguma coisa que o senhor gostaria de falar sobre a ESEF, algo que aconteceu de anormal?

---

<sup>27</sup> Grêmio Náutico União - Originário do Ruder-Verein Freundschaft (Sociedade de Regatas Amizade) fundado em 1906. Em 29 de abril de 1917 passa a se chamar Grêmio Náutico União.

<sup>28</sup> Ex-professor da ESEF-UFRGS.

<sup>29</sup> Instituto Porto Alegrense – Rede Metodista de Educação do Sul

W.S. - Não, de importância assim, não recordo no momento. E pitoresco que você quer é uma coisa assim, uma coisa espirituosa? Uma coisa marcante, desagradável?

L.K. - É, pode ser desagradável, uma coisa que tenha marcado, que tenha saído da rotina...

W.S. – A única coisa de importância, pelo menos com relação à minha pessoa... Os conhecimentos que eu já tinha de Educação Física de Montevideú, fizeram com que eu tivesse maiores facilidades com relação aos estudos em Porto Alegre. E, de pitoresco, o que eu posso falar, que eu me lembro assim: aconteceu comigo, na época tinha um professor que era muito temido pelos alunos o Coronel Jacinto Targa<sup>30</sup>. Ele era professor de Metodologia, e eu, por viagens por causa da UEE, do meu cargo na UEE, eu andei faltando algumas aulas importantes, e entrei num exame precisando de nove. *Nove!* E, eu não estava preocupado, mas, como eu tinha certeza que essa pessoa era muito amiga do diretor, que nós já tínhamos feito com que o governo demitisse, talvez pudesse haver alguma perseguição, eu resolvi me preparar para o pior e o mais difícil que poderia ter naquela prova, *só!* Estudei até metade da madrugada e estudei até o pior e chegou na hora, tinha a bancada de cinco professores, com exceção dele, os outros quatro professores são pessoas que até estavam cansados de me auxiliar na campanha que nós vínhamos fazendo contra o diretor na oportunidade. Ele mandou abrir um livro para eu escolher o ponto. Eu não quis abrir o livro e disse que dava liberdade para ele escolher o ponto para mim, que eu estava *muitíssimo* bem preparado. E eu não estava enganado com relação à pessoa. Ele escolheu o ponto mais difícil, que todo mundo tinha medo. *Mais difícil!* Casualmente eu sabia...

[FINAL DA FITA 84/01-A]

W.S. - Como os alunos... Eu tenho até que procurar as palavras exatas, para não dar margem, de repente, parecer que eu esteja me elogiando, quando não é exatamente isso, em hipótese alguma, a minha modéstia é bastante grande para não chegar a esse ponto de exibicionismo. Porque estou falando exatamente a verdade, as coisas que eu sempre fiz em favor dos colegas, dos estudantes, foram a maioria dos atos. Eram coisas para os estudantes, só para os estudantes e o que pude fazer pelos professores, dentro das minhas

pequenas possibilidades, fazia. Como quase toda a ESEF, eu sabia que entrei naquela prova de Metodologia precisando de nove, os alunos foram saindo do exame oral - os alunos que eu estou me referindo são os do meu ano, do segundo ano, não estou falando do primeiro, nem do terceiro ano - foram ficando pelos corredores, para esperar o exame. Quando me chamaram para fazer o exame, a sala de aula lotou, ficaram todos ali [risos] para assistir o meu exame. Isso, me deixou bastante emocionado, porque era uma prova que a gente era benquisto, porque estava atendendo às obrigações mesmo, de cuidar dos estudantes, do Centro Acadêmico, do Diretório Acadêmico, Presidência do Diretório Acadêmico, não tem que ter cor, nem partido, nem simpatia, nem antipatia, tem que defender à morte o estudante: perante os professores, perante a direção, perante qualquer situação. Primeiro os estudantes e segundo a pessoa representativa, pelo menos, essa é a forma de eu entender a posição e o cargo que a gente esteja ocupando ou possa vir a ocupar. Em primeiro lugar pensando em quem a gente está ali representando. E, graças a Deus, a gente era benquisto. Quando terminou a prova, não quis dar a nota na hora, ali, aí eu comecei a insistir e tal, e ele terminou dizendo a nota. Quando ele disse a nota, nove e meio, e que os outros professores não queriam nem fazer perguntas, achavam que estavam satisfeitos com o que eu já tinha dito, houve aplausos [risos] da rapaziada e das meninas, amigos, colegas. E, então, essa história de... Isso você vai encontrar em tudo que é lugar, em tudo que é faculdade, professores que, às vezes, por qualquer bobagem, tentam prejudicar alguém, sem necessidade e a gente tem que estar sempre de olho aberto para esse tipo de coisa, tem que estar sempre se cuidando. E o Diretório Acadêmico, por exemplo, tem que estar sempre cuidando para que isso não aconteça com ninguém dentro da faculdade. É isso aí. Não sei se respondi o que estava me perguntando?

L.K. - Como era a relação dos estudantes com os funcionários?

W.S. - A relação com os funcionários era a melhor possível. Não havia reclamação de estudante contra funcionário algum e vice-versa. Os funcionários na época sempre... Aquilo era uma família, parecia uma família, funcionários, professores e alunos. Acho que não era tão grande como é agora também, mas não sei se coincidentemente as pessoas que trabalhavam na secretaria sempre procuravam ajudar os estudantes da *melhor* forma possível e até muitas vezes, até o que não podiam fazer, faziam, desde que fosse para

---

<sup>30</sup> Jacintho Francisco Targa

ajudar um aluno, um colega, algum estudante. Assim como, da mesma forma, era o procedimento que faziam com a grande maioria dos professores. Podem não ser “em totem” com os professores, mas “em totem” era com os estudantes. Nunca, nunca ouvi qualquer reclamação de estudante com relação a maus tratos, ou perseguição, ou mau atendimento de funcionário, nunca vi isso. Por isso que o ambiente era, nesse sentido, muito bom.

L.K. - Agora pegando um pouco mais, digamos, das questões da tua vida esportiva, teu relacionamento com o esporte, desde o começo, desde a infância, participando de várias modalidades esportivas.

W.S. - Atletismo e basquete. E calistenia. Naquele tempo se fazia mais calistenia.

L.K. - Me conta um pouco mais da tua história com o atletismo.

W.S. - O atletismo... Na época, o professor de educação física do Colégio Rosário era o Derick, o professor Derick Oscar Ely, que era professor de natação na ESEF e ele era técnico de atletismo na SOGIPA. E, nos colégios onde ele lecionava, os alunos que se destacavam, que se destacassem em qualquer prova relativa ao atletismo, vamos dizer, ele tentava conduzir para a SOGIPA, para defender o trabalho dele. Desde os onze anos eu fui convidado e já participava do corpo de atletas infantis da SOGIPA, depois do juvenil, isso até os quinze anos, depois dos quinze anos fui para o Internacional, fiquei só um pouco tempo lá no Internacional e passei a me dedicar mais ao basquete. Aos dezesseis anos larguei, parei com o atletismo. Só o basquete e desde os onze anos também eu era sócio da ACM e praticava esportes na ACM e fazia calistenia, naquela época, na ACM só fazia calistenia, ginástica antes da - que eles chamavam de - “classe”, isso para os sócios. Na primeira meia hora era de ginástica calistênica, depois basquete, ou futebol de salão, ou voleibol, ou, às vezes, “softbol”, de ginástica. Mas, principalmente, basquete, o pessoal, na época lá, praticava mais basquete do que voleibol. E eu também jogava basquete, além de atleta, também jogava basquete no juvenil da SOGIPA e depois no primeiro quadro de basquete da SOGIPA. Na época, inclusive, o *Torrano*<sup>31</sup>, foi um atleta conhecidíssimo em Porto Alegre. Era jogador e técnico da SOGIPA. Depois, fui para Montevidéu e joguei

basquete no Atenas<sup>32</sup> de Montevideu e, depois quando voltei, joguei nos veteranos de basquete do Internacional. Depois que larguei o basquete... Também estive jogando em clubes da segunda divisão, joguei no *Piratas*<sup>33</sup> – o Piratas era um clube da segunda divisão que tinha do lado da Igreja do Pão dos Pobres<sup>34</sup>, era mais para ajudar, colaborar. Então, estive mais ligado ao basquete. No início, até os quinze anos, ao atletismo e basquete, e depois só o basquete é o esporte que mais me atrai. E, talvez por isso, por causa do esporte, como tinha a SOGIPA e freqüentava a ACM, eu, dos onze anos de idade até mais ou menos os vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco anos de idade, eu praticava esporte mais ou menos duas a três horas *por dia* de esporte. Houve épocas que eu estava lecionando também, lecionava, e treinava e jogava. Chegou muitas vezes a fechar seis, oito horas de esporte intensivo *por dia*. Talvez por isso, que agora eu estou com 68 anos, eu me sinto, assim, com a disposição e o vigor como se estivesse com 45 anos. Sou muito agitado e, graças a Deus, tenho saúde. E, como não empurro nada com a barriga, talvez seja parte da índole da gente, assim, ser agitado, tudo que eu fizer tem que ser para ontem. Por exemplo, se eu pegar o carro e estou meia hora adiantado, eu vou voando, que eu preciso chegar, quer dizer, não empurro nada com a barriga. E essa agitação, para minha idade, acho até um pouco exagerada, mas devo isso eu acho que é ao esporte, que pratiquei, acho que a gente custa um pouco mais a envelhecer, acredito que seja isso. Não estou dizendo isso só para querer aparentar uma idade que eu não tenho. Não, eu tenho 68 anos, mas eu me sinto assim, com uma disposição e vigor, como se tivesse uns 45 anos, a disposição é bem menos que a minha idade aparente, atual. Tu não achas que a pessoa que pratica bastante esporte tem um pouquinho mais de saúde, e vai mais longe um pouquinho?

L.K. - Depende da forma e quantidade, não é? [riso]

W.S. - Que seja exagero, nem que seja por muito menos.

L.K. - Tem mais uma questão: naquela época, como é que viam um estudante de Educação Física, alguém que vivia do esporte, da prática esportiva?

---

<sup>31</sup> José Torrano, atleta que atuou na seleção Brasileira de Basquete no Equador em 1958.

<sup>32</sup> Asociación Deportiva Atenas.

<sup>33</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>34</sup> Localizada na Avenida Praia de Belas, em Porto Alegre.

W.S. - Eu nunca gostei do que a gente ouvia e via. Eu nunca gostei. Poderá ter algumas pessoas com pensamentos absolutamente contrários ao meu, mas eu vou dizer o que eu via e por essa razão, o que eu sentia e, eu era muito chegado a viver dando explicações para modificar essa forma de pensar. Principalmente, no meio de estudantes de outras faculdades. Eles viam a Educação Física como um estudo menor, um estudo menos valioso do que qualquer um, do que qualquer outra faculdade. E, eu costumava dar alguns exemplos quando me irritavam, não é. Por exemplo: a minha profissão ensina as pessoas a terem disciplina, ensina as pessoas a terem educação, ensina as pessoas a serem bondosas, ensina as pessoas a serem *honradas*, propicia saúde, que é muito, muito importante para as pessoas, *principalmente*, isso é o principal, propicia através do esporte, saúde para as pessoas, ensina a moral, ensina uma série de coisas que eu perguntaria, por exemplo: arquitetura, além de desenhar prédios, como é limitado o aproveitamento de quem estuda arquitetura – eu já usava assim, diminuir as coisas, mais para debochar, para pisar em cima porque estavam tentando pisar em cima de mim E eu nunca falei mal da arquitetura, só estou fazendo um comparativo. Eu sou capaz de passar um dia inteirinho falando das qualidades que propicia a Educação Física. E se pegar a Arquitetura, ou se pegar alguma outra faculdade, dedicada exclusivamente a uma coisa só, em menos de dez minutos a pessoa encerra o rol de benefícios daquelas coisas boas que servem para a humanidade. E, Educação Física, a gente pode passar um dia citando vantagens. Às vezes, conseguia modificar alguns pensamentos, outras vezes não, quem não quer aceitar, passava para o setor do sarro, um tirar sarro do outro. Mas, a Educação Física era considerada dessa forma, principalmente, porque tinha uma só, em Porto Alegre: só a ESEF, só, só a ESEF. Depois que veio o IPA, e a...Qual é a outra de Educação Física?

L.K. - Porto Alegre? Tinha na época... Depois abriu a UNISINOS<sup>35</sup>.

W.S. - Não, não. Tem na UNISINOS, tem na ULBRA<sup>36</sup> também, mas estou dizendo que na época só tinha a ESEF, só a ESEF. E as outras faculdades todas tinham diversas faculdades com o mesmo objetivo. Ou seja, só a arquitetura tinha mais de uma faculdade, tinha a Católica, tinha particular, tinha Metodista, tinha lá sei eu, tinha uma série de faculdades só de arquitetura, por exemplo. Medicina também, tinha mais de uma, todas,

---

<sup>35</sup> Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

<sup>36</sup> Universidade Luterana do Brasil.



todas tinham mais de uma. A ESEF, só tinha uma! Então, também isso ajudava as pessoas a não olhar com muito respeito para quem estudasse Educação Física. Porque alegavam que jamais ia passar de professor [riso]. E médico? Médico pode ser chamado de cientista, se evoluir.

L.K. - Pode-se dizer que, na época, o estudante de Educação Física não eram politizados?

W.S. - Como?

L.K. - Pode-se dizer que na época, os estudantes de Educação Física eram politizados?

W.S. - Politizados?

L.K. - Isso!

W.S. - Olha, é meio difícil de responder, mas considerando que o estudante de Educação Física era só da ESEF, era um grupo pequeno, mesmo que tivesse 800 alunos eu iria dizer que era um grupo pequeno; não se via nunca discussões políticas no meio dos estudantes de educação física. Por isso, se eram politizados, era uma coisa toda pessoal que não transparecia, não transpiravam isso, não colocavam isso para fora. Não posso responder. Até, se tiver que responder, vou dizer até que não davam bola para política. Não davam bola. Basta dizer que a maior parte dos estudantes que saíram, que continuaram carreira política, a maior parte era da faculdade de Direito, Engenharia. Na época, tinha o Fúlvio Petracco<sup>37</sup>, que era Presidente do Centro Acadêmico da Engenharia, que era da UFRGS. O Pedro Simon, foi Presidente da UEE e logo em seguida, imediatamente se formou, foi trabalhar em Caxias e começou a carreira como vereador lá em Caxias, porque foi líder estudantil, era bastante conhecido. O Jarbas Lima<sup>38</sup> também foi líder estudantil, o Pont<sup>39</sup> também foi líder estudantil. Vários políticos atuais foram líderes estudantis, principalmente sendo presidentes de União Estadual de Estudantes, universitários da UGES, secundaristas, por exemplo. Quando eu era vice-presidente da UEE, uma vez ele veio pedir permissão para participar das nossas reuniões, como ouvinte, porque ele era

---

<sup>37</sup> Um dos criadores do movimento Fortalecimento Sindical de Engenharia

<sup>38</sup> Ex-deputado estadual e ex-presidente do Sport Club Internacional

*presidente* da UGES – Hugo Mardini<sup>40</sup>, ele *ia* ser universitário e ele queria um aprendizado mais forte para continuar na política universitária, para continuar na política universitária e depois seguir uma carreira política. E foi um político de bastante expressão, Hugo Mardini. Flávio Obino<sup>41</sup> não foi político, até hoje não foi político, mas ocupou altos cargos, foi presidente do Banrisul<sup>42</sup>. Quer dizer, quem se mete na política universitária e tem destaque *normalmente* são convidados pelos partidos políticos Uns aceitam, outros não, outros tem como objetivo principal ser um dia vereador, deputado, governador, prefeito, presidente. As lideranças estudantis são mais fortes para chegar a esses altos cargos do que as lideranças sindicais. Apesar de um líder sindical ter chegado a Presidente. É isso aí, não sei se...

L.K. - É isso. Muito obrigado.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

---

<sup>39</sup> Referindo-se a Raul Pont, ex-prefeito de Porto Alegre.

<sup>40</sup> Ex-deputado estadual e federal.

<sup>41</sup> Ex-presidente do Grêmio Football Porto Alegrense.

<sup>42</sup> Banco do Estado do Rio Grande do Sul.